



Veredas Temática:

Linguística Latina: modelos, interpretações e análises linguísticas

Volume 23 nº 1 - 2019

Padrões funcionais do participípio presente nas comédias plautinas¹

Douglas Gonçalves de Souza

RESUMO: Nesta pesquisa, intenta-se descrever os diversificados usos da forma verbo-nominal latina denominada participípio presente (pp) nos textos do comediógrafo Plauto (séc. III e II a.C.), com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional, encontrados, principalmente, em Givón (1984), Hopper (1991), Hopper & Traugott (1993) e Bybee (2010). Os exemplos participiais, coletados nas 21 comédias que compõem o *corpus* plautino e interpretados principalmente de modo qualitativo, foram agrupados em quatro padrões funcionais: a) pp com função verbal; b) pp com função própria (híbrida); c) pp com função adjetival; e d) pp com função circunstancial. Os resultados evidenciam níveis escalares de uso do pp, dada a natureza não discreta das categorias linguísticas.

Palavras-chave: Participípio presente; Plauto; Latim arcaico; Gramaticalização; Linguística funcional;

¹ Os resultados, neste artigo, divulgados, em alguma medida, retomam as discussões propostas pelo autor em questão, em sua dissertação de mestrado defendida no ano de 2015, sob a orientação da Profa. Dra. Livia Lindoia Paes Barreto, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Introdução

A pesquisa em tela pretende expor os diversos usos da forma verbo-nominal latina denominada participio presente (doravante, pp) nas comédias de Plauto (séc. III e II a. C.), levando em consideração não apenas a forma participial em si, mas também seu contexto de aparição e as intenções comunicativas que subjazem a seu emprego. Para tanto, serão explicitadas, inicialmente, algumas particularidades categoriais do pp propostas por gramáticos latinos e, em seguida, suas características morfológicas, sintáticas e semânticas presentes em compêndios gramaticais de latim que circulam, principalmente, pelas universidades brasileiras.

De modo geral, esses compêndios, até mesmo por suas limitações editoriais, não levam em consideração, em suas análises, aspectos contextuais fundamentais para o entendimento acerca do uso do pp no texto latino. Muitos deles valem-se de amostras artificiais para a definição e exemplificação da categoria; alguns, mesmo que partam de fragmentos selecionados em obras latinas, recortam-nos de maneira descontextualizada, desprezando, por exemplo, fatores inerentes aos gêneros textuais/literários, que podem influenciar na função e no sentido adquiridos pelo pp; outros ainda ressaltam apenas uma das faces do pp, isto é, anotam características em somente um dos níveis de análise linguística, desconsiderando a própria natureza híbrida da forma participial.

Nesse sentido, o que se propõe, a partir desta pesquisa, é uma descrição do pp que seja capaz de evidenciar a natureza híbrida da forma e os fatores contextuais/pragmáticos implicados no seu uso. Em conformidade com esse ângulo de interpretação, o pp é aqui observado sob uma ótica funcionalista (em sua versão clássica), que se preocupa com as relações entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação. Assim, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua e, esta, por sua vez, está sempre em um processo dinâmico de variação e mudança. Em especial, à luz do processo de gramaticalização em uma perspectiva sincrônica, mais precisamente com base nos princípios de *persistência* e *descategorização* postulados por Hopper (1991), busca-se perceber a variação de usos (padrões) concorrentes da referida forma.

1. O participio presente e os gramáticos latinos

Desde a Antiguidade, muitos foram os estudiosos que se dedicaram à análise e à descrição de diversos aspectos da linguagem, organizados sob a forma de manuais e/ou de tratados². Em Roma, assim como na Grécia, existiam disciplinas – a retórica e a gramática, por exemplo – que visavam explorar os variados recursos da língua a fim de que fosse alcançado um domínio sobre o sistema linguístico, isto é, a aquisição de noções capazes de permitir uma maior habilidade no uso da língua.

Embora os estudiosos latinos pareçam apenas continuar a tradição metalinguística helenística, por levar em consideração a similaridade tipológica entre as duas línguas, na verdade, eles souberam acrescentar suas próprias contribuições acerca do latim. Ao se pautarem nos estudiosos gregos, os autores latinos mostravam conhecer a metalinguagem grega (*imitatio*), mas, ao substituírem nomes e constituintes próprios da gramática grega pelos especificamente latinos, adaptavam a metalinguagem ao contexto romano (*aemulatio*). Os tratados de gramática e de retórica romanos, ao explicitarem as particularidades da língua ou os recursos para construção dos discursos, possibilitam a observação de postulados sobre o

² A primeira tentativa de descrição gramatical, no mundo ocidental, parece ser a τέχνη γραμματική, de Dionísio Trácio, por volta dos séculos I e II a. C. Entre os latinos, deve ser destacada a obra *De Lingua Latina* de Varrão, contemporâneo de Dionísio.

dinamismo da linguagem. Em relação aos aspectos linguísticos atinentes ao pp, destacam-se algumas contribuições de alguns gramáticos latinos, a saber: Varrão (séc. I a. C), Donato (séc. IV d. C) e Prisciano (séc. VI d. C).

Obra bastante relevante para a área da linguística é o *De Lingua Latina*, composta por Varrão, o *uir romanorum eruditissimus* (cf. QUINTILIANO, *Inst. Orat.*, X, 1, 95), durante o regime republicano em Roma. O gramático, com base em um critério morfológico, divide as partes do discurso em quatro: palavras com flexão de caso (nomes), palavras com flexão de tempo (verbos), palavras sem flexão de caso e de tempo (advérbios) e palavras com flexão de caso e de tempo (particípios³). Mesmo sem explicitar características mais específicas acerca do pp, pode-se notar que o autor o distingue das outras categorias linguísticas (classes) e salienta a sua natureza híbrida.

Donato, por sua vez, em sua *Ars Grammatica* busca apresentar e analisar as duas partes em que estão divididas as lições gramaticais latinas: o estudo das partes do discurso e o estudo das qualidades e dos defeitos do discurso. Além disso, parece ter um cuidado em relação à adequação pedagógica que orienta a exposição do conteúdo: cria “um método sistemático de descrição e um esquema progressivo de organização” (DEZOTTI, 2011, p. 13). Sua *Ars* foi composta em dois volumes: o primeiro, mais breve, é chamado de *Ars minor* e engloba de modo resumido o conteúdo do livro II da sua *Ars maior*, cuja organização é assim expressa: I- elementos da linguagem, II- partes da oração e III- qualidades e vícios do discurso (Cf. GUERREIRA, 2011).

De acordo com este gramático, seriam oito as partes do discurso: nome, pronome, verbo, advérbio, particípio, conjunção, preposição e interjeição. Assinala o nome e o verbo como classes prioritárias em relação às demais:

As partes da oração são oito: nome, pronome, verbo, advérbio, particípio, conjunção, preposição e interjeição. Destas, duas são partes principais da oração: o nome e o verbo. Os latinos não contam com o artigo, os gregos (não contam com) a interjeição. Muitos calculam um número maior de partes da oração, muitos um número menor. Mas em verdade, de todas, três são aquelas que se declinam em seis casos: nome, pronome e particípio. (DONATO, *Ars maior*, II, 613)⁴

Donato parece compensar a falta de uma parte da oração na gramática latina, pela comparação e constatação da ausência de outra parte oracional na gramática grega. Por outro lado, torna-se importante perceber que o particípio é descrito como uma palavra que pode se declinar em seis casos. Especificamente sobre o particípio latino, o gramático informa,

O particípio é parte da oração chamada dessa forma porque toma uma parte do nome e uma parte do verbo: retira do nome os gêneros e os casos; do verbo, os

³ Os particípios são assim chamados porque “participam” de dois grupos: o grupo das palavras que tem caso e o grupo das palavras que possui tempo (*quod simul habent casus et tempora, quo uocantur participia*) (Varrão, *L.L.*, VIII, 58).

⁴ Quando não se indica a autoria das traduções, as mesmas são de responsabilidade do autor deste artigo. Cf. “*Partes orationis sunt octo, nomen, pronomen, uerbum, aduerbium, participium, coniunctio, praepositio, interiectio. Ex his duae sunt principales partes orationis, nomen et uerbum. Latini articulum non adnumerant, Graeci interiectionem. Multi plures, multi pauciores partes orationis putant. Verum ex omnibus tres sunt, quae sex casibus inflectuntur, nomen, pronomen et participium.*”

tempos e as significações; de ambos, o número e a figura⁵ (DONATO, *Ars maior*, II, 644).⁶

As observações aduzidas por Donato enfatizam a natureza ambígua da forma participial. Os participios possuem características próprias dos nomes, bem como características específicas do verbo e, ainda, características compartilhadas pelas duas classes. Tal fato é o que explica sua independência, na qualidade de classe autônoma, na gramática latina. O que vai diferenciá-lo das demais partes da oração é a coexistência, em sua natureza, das categorias de tempo e de caso.

Prisciano de Cesareia foi também gramático e viveu em um período posterior ao de Donato. Escreveu algumas obras, dentre as quais destacam-se as suas *Institutiones Grammaticae* – obra destinada, inicialmente, a leitores bilíngues, que possuíam o latim como segunda língua. Composta por dezoito livros, as *Institutiones* apresentam os conteúdos linguísticos de modo quase equivalente ao da gramática atual: fonética/fonologia, morfologia e sintaxe. Prisciano é o primeiro dos autores da tradição latina a compor livros destinados especificamente a assuntos sintáticos. Embora o objetivo da obra fosse reproduzir o trabalho dos gregos, o gramático soube emular o modelo e obteve uma obra de maior abrangência para os estudos latinos.

O gramático de Cesareia classifica as partes da oração em oito grupos, do mesmo modo que Donato. Ele utiliza um critério pautado na independência das formas para diferenciá-las:

(...) elas, pois, sem aquelas outras (nomes, verbos, pronomes e participios) não podem completar o sentido da sentença; aquelas, em verdade, sem essas (preposições, conjunções, preposições e advérbios) completam (tal sentido) muito frequentemente (PRISCIANO, *Inst. gram.*, XIV, 1).⁷

Para Prisciano, os termos indeclináveis parecem constituir uma classe não-essencial para a significação da oração. Desse modo, ele funde critérios morfológicos e semânticos para descrição de cada parte oracional.

2. O participio presente e os compêndios gramaticais modernos

Do ponto de vista da morfologia, o pp forma-se a partir do tema verbal de *infectum* (noção de continuidade, ação em curso) com o acréscimo do sufixo⁸ *-nt-*. Na verdade, de acordo com Monteil (2003), o sufixo tematizado seria **-e/on-*, característico de nomes de agente, seguido de uma ampliação com a consoante oclusiva **-t-*, encontrada nas formações de nomes de ação. Em Latim, houve uma generalização do vocalismo *-e* (*legens*, “que lê”) na formação sufixal, embora se tenha conservado o vocalismo *-o* em algumas formas ambíguas como *sons*

⁵ O termo *figura*, segundo Donato, diz respeito à natureza simples ou composta das palavras. O conceito também abrange a noção de palavras primitivas e derivadas.

⁶ Cf. “*Participium est pars orationis dicta quod partem capiat nominis partemque uerbi: recipit enim a nomine genera et casus, a uerbo tempora et significationes, ab utroque numerum et figuram.*”

⁷ Cf. “(...) *ea enim sine illis sententiam complere non possunt, illa vero sine istis saepissime complent.*” Os trechos entre parênteses não estão no original latino, mas auxiliam na compreensão do fragmento.

⁸ Utiliza-se aqui o termo sufixo, seguindo a tradição dos estudos históricos sobre o latim. Não é objetivo deste trabalho discutir questões relativas à derivação e à flexão das palavras.

(particípio presente de uso raro do verbo atemático *esse*, “ser”)⁹ e *eunt-* (caso oblíquo do particípio presente do verbo atemático *ire*, “ir”)¹⁰. Contudo, não é possível afirmar que o vocalismo *-e* estaria associado aos verbos temáticos e o vocalismo *-o* aos verbos atemáticos (MAROUZEAU, 1910). Percebe-se, pois, que o pp, por meio do sufixo formador, já apresenta as noções de agente e de ação; esta última noção, aliada ao tema verbal de *infectum*, enfatiza o aspecto durativo, de ação contínua, veiculado pela forma participial.

O pp latino, cujo paradigma foi influenciado tanto pelos temas consonânticos quanto pelos sonânticos, flexiona-se em gênero e em número, comporta a categoria gramatical de grau e se declina inteiramente como um adjetivo de segunda classe, que segue a terceira declinação,

Conjugação	Infinitivo	Particípio Presente
1ª Conjugação	-āre	-ans ¹¹ , -antis
2ª Conjugação	-ēre	-ens, entis
3ª Conjugação	-ĕre	-(i)ens, -(i)ens
4ª Conjugação	-īre	-iens, ientis

Tabela 1 – Paradigma do pp de acordo com as conjugações verbais.

Por um prisma sintático, o pp pode reger o caso genitivo como muitos adjetivos latinos. Trata-se do *genitivo de relação* (ERNOUT; THOMAS, 2002), que, embora explicitem apenas uma relação de complementaridade existente entre o genitivo (regido) e o adjetivo (regente), ao integrar o sentido de participípios, exprimem especificamente uma noção de qualidade permanente. No sintagma com genitivo *miles patiens frigoris*, há a indicação de uma qualidade estável: “um soldado acostumado a suportar o frio”. Nesse caso, o genitivo é um complemento do particípio como adjetivo e funciona, diferentemente do acusativo complemento do particípio, como verbo. Já no construto linguístico com acusativo *miles patiens frigus*, há uma representação dinâmica de um fato transitório: “um soldado que passa momentaneamente frio.” Desse modo, nota-se que o particípio, mesmo tendo natureza adjetiva, mantém suas especificidades quando complementado por genitivo de relação.

Morfossintaticamente, como adjetivo, o pp obedece às regras de concordância com o substantivo, admite complementos nominais em genitivo e pode ser empregado substantivamente; como verbo, possui voz, pode projetar argumentos internos preposicionados ou não, assimila uma indicação de tempo própria do contexto e expressa uma noção aspectual de ação em curso, isto é, uma constância. Embora não seja patente sua indicação de tempo, o pp mantém uma relação de concomitância temporal com o verbo da proposição na qual está inserido. A sua denominação “presente” é estabelecida a partir da oposição aos demais participípios, passado e futuro. Se a noção temporal só é bem especificada pelo contexto, a noção aspectual de *infectum* é bastante evidente na forma participial.

⁹ Ernout (1953) observa que a forma do particípio presente do verbo *esse* não é produtiva, senão em formas compostas desse verbo: *ab-sens*, *prae-sens*.

¹⁰ Ernout (1953) afirma que a alternância inicial existente no verbo atemático *ire* (nominativo *iens*, de **ients*, frente a *euntis* de **eyontes*) desaparece no período tardio, pois a analogia com o nominativo singular, permitiu a criação de um genitivo singular *ientis*.

¹¹ O nominativo singular em *-s* é resultante dos processos de assimilação total regressiva e de simplificação das consoantes geminadas, respectivamente, ocorridos pelo encontro da consoante do tema com a consoante da desinência casual: *-nt + -s > *-nss > -ns*.

Em nível oracional, pode o pp substituir diversos sintagmas oracionais de naturezas distintas. De acordo com Faria (1995), é muito comum a substituição de uma oração de matiz circunstancial por um particípio. Essa construção atribuiria mais energia e rapidez à expressão. Embora o uso participial já seja suficiente para exprimir a circunstância¹², é muito comum, por uma questão de clareza textual, que venha acompanhado de uma partícula que lhe precise o sentido, devido à índole múltipla do particípio, que permite, em um mesmo contexto, demonstrar mais de uma noção circunstancial: (a) temporal - frequentemente também acompanhado das partículas *uixdum* “apenas”, *statim* e *extemplo* “imediatamente”, *non ante quam* “não antes que”; (b) causal - comumente também acompanhado das partículas *quippe* ou *utpote* “porque”; (c) condicional - comumente também acompanhado das partículas *nisi* (só quando a oração principal for negativa) e *modo* “contanto que”¹³; e (d) concessiva - frequentemente também acompanhado das partículas *etsi* e *quamquam* “se bem que”, “conquanto” (Cf. FARIA, 1995, p. 409-411).

Em uma construção específica do Latim, conhecida como *ablativo absoluto*, pode também o pp expressar matiz circunstancial, não se referindo nem ao sujeito nem ao complemento do verbo da oração principal. O nome *ablativo absoluto* diz respeito à natureza sintática da oração, porque o construto é independente em relação aos outros termos da oração principal e todos os termos constituintes (sujeito e particípio) estão em ablativo, mas, do ponto de vista semântico e discursivo é falho, pois nenhuma informação é acessória e desprezível para a compreensão do enunciado (Cf. RUBIO, 1989, p. 161).

O pp assim empregado nas construções de ablativo absoluto exprime as mesmas circunstâncias já apresentadas anteriormente, equivalendo, pois, a orações subordinadas temporais, causais, condicionais e concessivas. Ex.: *Etiam hodie Periphanes Rhodo mercator diues / absente ero solus mihi talentum argenti soli / adnumeravit* (Plaut, *Asin*, v.499-501) “Ainda hoje, Perífanos, um mercador rico de Rodes, sozinho, estando o meu amo ausente, entregou a mim, sozinho, um talento de prata” [ablativo absoluto com valor concessivo/causal].

Pode ainda o particípio concorrer com o infinitivo em uma construção completiva no período subordinado, ao concordar diretamente com o complemento do verbo da oração principal, normalmente um verbo de percepção. Ex.: *uxorem tuam / neque gementem neque plorantem audiuimus* (Plaut., *Amph.*, v. 1098-1099) “Escutamos tua esposa que não só chorava mas também (se) lamentava.” Tais orações substantivas (ou completivas) reduzidas se caracterizam especificamente pela ausência de conectivo ou partícula e pela presença de uma forma nominal do verbo, a saber um infinitivo (mais comum) ou um pp. O infinitivo possui o valor de um substantivo verbal e o pp o valor de um adjetivo verbal. Esses valores são importantes para a construção oracional, pois, dependendo dos verbos predicadores (que projetam as orações), uma forma e não outra será escolhida. Conforme Bassols de Climent,

estes verbos (*uideo, audio*) substituem com frequência seu regime participial por um infinitivo. É muito difícil assinalar a diferença de matiz que distingue ambas as construções; o que se pode dizer é que o particípio expressa uma atitude ou ação em certa medida supérflua (poderia ser omitida) e o infinitivo, diferentemente, um fato cuja constatação é necessária até o ponto de que poderia substituir o verbo de que depende e omiti-lo. Assim em uma frase como *Priamum astantem eccum ante portas uideo* (Plauto, *Bac.*, 978) “eis que vejo Príamo elevando-se diante da porta”, o importante é a ação do verbo; o particípio introduz uma determinação meramente acessória. Pelo contrário,

¹² Os particípios com valor adverbial são chamados por Pinkster (1995, p. 185) particípios *predicativos* ou *adverbiais* (*participium coniunctum*).

¹³ A partícula *modo*, em uma oração desenvolvida, parece ter valor condicional apenas quando acompanhada de forma verbal em subjuntivo.

nesta outra frase *quoniam uident nos stare, occeperunt* (Plauto, *Bac.*, 292) “começaram, porque veem que nós estamos levantados”, o importante é a ação introduzida pelo infinitivo. Poder-se-ia dizer sem perda de sentido *quoniam nos stamus* “porque nós estamos levantados”. (1967, p. 370-371)¹⁴

De acordo com Pinkster (1995, p. 167), a diferença entre as duas construções oracionais não está exatamente no nível sintático, mas sim no nível semântico: o acusativo com particípio destaca o aspecto da *percepção*, ao passo que o acusativo com infinitivo evidencia o aspecto do *conhecimento* e da *reflexão*. Consoante Marouzeau (1910), as construções ainda se diferenciam pelo fato de que a oração participial exprime uma atitude quase indiferente de ser notada e a oração infinitiva anuncia um fato essencial para o entendimento do texto. A construção participial, segundo o referido autor, como a mais antiga em comparação com a infinitiva, permite observar um estágio inicial de composição oracional. Tais orações substantivas com particípios presentes deixam transparecer em sua estrutura vestígios do acusativo predicativo.

Segundo Tovar (1946, p. 161), bem menos frequente, mas também encontrada em textos do período arcaico e clássico, é a construção do particípio presente com verbos de significação causativa: *Eos nunc laetantis faciam* (Plauto, *Stich.*, 407) “agora tornarei aquelas pessoas felizes”. Nesse tipo de sintagma oracional, o acusativo complemento do verbo deve vir acompanhado de um predicativo que a ele se refira e que com ele concorde, caso em que é projetado por verbo tradicionalmente chamado de transobjetivo¹⁵ (*facio* = tornar).

Quando o particípio presente concorda com o sujeito do verbo copulativo, como na frase *miles currens est* “o soldado está correndo”, pode-se verificar nesse construto uma conjugação perifrástica (BASSOLS DE CLIMENT, 1967). Na verdade, tal perífrase concorre com a forma simples do verbo *currit* “corre”, sendo a diferença de sentido existente entre ambas muito tênue: a construção perifrástica possui mais força expressiva, atribui uma maior persistência da ação e enfatiza o valor aspectual imperfectivo a partir do uso do particípio presente. Contudo, deve-se observar que no momento em que o particípio começa a perder a sua força verbal, equivalendo, por isso, a um adjetivo, deixa de formar uma perífrase verbal com verbo copulativo: *puer sapiens est* “o menino é sábio”.¹⁶

3. Linguística funcional: pressupostos e postulados

Diferentemente da perspectiva teórica estruturalista, que observa a língua como um sistema autônomo e descreve as estruturas linguísticas independentes dos seus reais contextos de produção, a teoria funcionalista, em sua vertente norte-americana, pretende explicar a gramática de determinada língua a partir do uso que dela fazem os indivíduos em suas mais

¹⁴ BASSOLS DE CLIMENT, 1967, p. 370-371: “Estos verbos (*uideo, audio*) sustituyen con frecuencia su régimen participial por un infinitivo. Es muy difícil señalar la diferencia de matiz que distingue ambas construcciones; lo más que se puede decir es que el participio expresa una actitud o acción em cierto modo superflua (podría omitirse) y el infinitivo, en cambio, un hecho cuya constatación es necesaria hasta el puntode que podría substituir el verbo de que depende y omitir-se éste. Así en una frase como *Priamum astantem eccum ante portas uideo* (Plauto) lo importante es la acción de ver; el participio introduce una determinación meramente accesoría. Por el contrario, em esta frase *quoniam uident nos stare, occeperunt...* (Plauto), lo importante es la acción introducida por el infinitivo. Podría decirse sin menoscabo del sentido *quoniam nos stamus*.”

¹⁵ O verbo se chama transobjetivo porque a compreensão do fato verbal vai além do complemento (objeto direto). Nesses casos, o predicativo, conquanto funcione como definidor do complemento verbal, não deixa de ser exigido pelo sentido da expressão semântica formada pelo verbo + complemento (ROCHA LIMA, 2008, p. 341-342).

¹⁶ Sobre mais detalhes acerca do pp, ver SOUZA, 2015.

diversas modalidades de interação comunicativa. Assim, o funcionalismo linguístico concebe a linguagem “como um instrumento de interação social” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003).

Tal posicionamento teórico pauta-se no princípio básico de que as estruturas da língua emergem à medida que são postas em uso, em situações reais de comunicação. Desse modo, ao considerar fatores como fins comunicativos, interlocutores e contextos discursivos, os funcionalistas não compreendem a língua como uma entidade independente, mas sim como um sistema fluído e complexo, visto que é constituído ao mesmo tempo por padrões mais ou menos regulares e por outros padrões que afloram de acordo com as necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes (BYBEE, 2010).

Nesse sentido, não se devem separar como áreas isoladas a gramática e o discurso, como o faz a corrente formalista. Tais entidades devem ser entendidas como polos de um mesmo *continuum*, uma vez que espelham certas funções próprias da natureza humana: a necessidade de comunicação e de expressão (discurso) e a pré-disposição à repetição de parâmetros (gramática). Diversos fatores pragmáticos e/ou comunicativos podem ser responsáveis pela regularidade gramatical e ainda atuar na seleção e na reorganização daquilo que é atualizado na gramática (VOTRE; OLIVEIRA, 2012). Ao buscar no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua, o funcionalismo refuta a teoria da autonomia das estruturas. Estas passam a ser interpretadas segundo as seguintes propriedades: (a) as estruturas são mutáveis e podem sofrer variação de acordo com as pressões do uso; (b) as estruturas não são em sua totalidade arbitrárias; (c) as estruturas, devido à dinâmica discursiva, são passíveis de reelaborações constantes, por meio de mecanismos e processos de mudanças (CASTILHO, 2012).

Afirmar que a estrutura linguística é um elemento variável de acordo com o contexto discursivo pressupõe entender que os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são inter-relacionados e interdependentes. Não basta apenas descrever sintaticamente uma construção ou um elemento gramatical, é necessário investigar as circunstâncias discursivas que permitem determinado uso. Desse modo, por se entender que os três domínios são anteriores e, ao mesmo tempo, basilares para a configuração do sistema gramatical, postula-se que a língua se assenta numa trajetória que vai dos sentidos e das funções contextualizadas para as formas que compõem o repertório gramatical.

Um dos princípios funcionalistas mais relevantes para a análise das tendências de mudança e de estabilização da língua, nas suas mais diversas manifestações de uso, é o de iconicidade. Tal conceito está associado a uma visão dinâmica de língua, na qual entram em jogo objetivos comunicativos. Manifesta-se por meio da correlação motivada entre forma e função, pois determinadas estruturas, observadas por um prisma sincrônico, podem revelar certa opacidade em relação aos papéis semânticos e sintáticos que desempenham em seu contexto imediato. Nesse sentido, tal correlação pode ser notada entre uma forma e várias funções, ou o oposto, entre uma função e distintas formas (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003).

Proposto assim por Givón (1984), o princípio de iconicidade, aqui abordado em sua versão mais branda, pode ser evidenciado, na superfície textual, por três subprincípios: quantidade, proximidade (ou integração) e ordenação linear. Assim, determinado elemento se torna mais icônico na medida em que apresenta maior quantidade de informação, alto nível de integração dos constituintes e segmentos ordenados de modo linear. Trata-se de um princípio que, por entender que a linguagem é uma faculdade humana, propõe que as estruturas linguísticas revelam o funcionamento da mente e espelham o modo humano de conceber o mundo.

A teoria funcionalista também compartilha da ideia de que o mundo não pode apenas ser entendido em termos de coisas individuais, mas também em termos de ‘categorias de coisas’. Logo, existem componentes que, por possuírem traços semelhantes, podem ser

agrupados em uma mesma categoria. Nesse sentido, relacionada ao princípio de economia linguística, a categorização simplifica a interação dos indivíduos com o ambiente, pois, por meio dela, reduz-se a necessidade da memória humana e recuperam-se informações com mais facilidade. Em cada categoria, há protótipos que funcionam como unidade modelar de cada grupo: um protótipo recolhe as características básicas de dada categoria. A prototipicidade é uma espécie de consequência das propriedades humanas inerentes da percepção humana, evidenciadora das relevâncias cognitivas. Possibilitando a realização de atividades inferenciais, os protótipos podem ser observados em escala fixa e/ou gradual, na medida em que propriedades são mantidas ou alteradas.

Pensando em um *continuum*, enquanto alguns elementos (protótipos) se fixam no polo da escala categorial, com traços mais ou menos definidos, outros elementos, com traços modificados, se situam em instâncias intermediárias e compartilham propriedades de outras categorias. Consoante Kleiber (1990), a concepção de protótipo se apoia nos seguintes parâmetros: cada categoria possui uma estrutura interna prototípica; o grau de representatividade de um elemento exemplar corresponde ao seu grau de vinculação à categoria; as fronteiras das categorias são imprecisas e não muito bem delimitadas; os membros de uma dada categoria não apresentam necessariamente as mesmas propriedades; o preenchimento de uma categoria ocorre a partir do nível de similaridade com o protótipo; e a similaridade não pode ser estabelecida de modo analítico, mas sim de modo global.

Assim o pp prototípico, que deve ser entendido como uma classe gramatical distinta, de acordo com o pensamento gramatical dos antigos romanos, é aquele que compartilha proporcionalmente traços tanto do verbo quanto do adjetivo, seja do ponto de vista semântico, sintático ou morfológico. Quanto mais a forma participial se afasta dessa categoria de natureza mista e adquire mais propriedades do adjetivo, mais ela se distancia do protótipo de pp.

Outro processo cognitivo manifestado na configuração linguística que ecoa em certa medida o texto varroniano, por exemplo, é a analogia. Trata-se de um procedimento difusor de estruturas já existentes no sistema, por meio de um método comparativo entre formas similares. Pautando-se em categorias já estabelecidas, a analogia pressupõe um ato relacional, no qual características de determinado elemento são projetadas em outro elemento potencialmente similar. Assim, para os funcionalistas, a analogia implica, em um primeiro momento, comparação entre elementos e, em um segundo momento, à medida que as similaridades dos atributos das formas aumentam, mudança linguística no plano fônico, morfológico e/ou sintático. Trata-se de uma associação de formas preexistentes a outros elementos também já existentes e envolve ainda inovação ao longo do eixo paradigmático. (GONÇALVES *et alii*, 2007)

A variação pode ser entendida como um mecanismo essencial das línguas e ilustra o caráter adaptativo das línguas, dada as circunstâncias múltiplas que envolvem o ato comunicativo. Materializa-se na observação de formas distintas que veiculam significado equivalente, no nível lexical, morfossintático e/ou fonético. Estas formas, embora pareçam transmitir significados equivalentes, podem se especificar em determinados contextos discursivos. As variantes podem coexistir no sistema por muito tempo, até que, iniciado um processo de mudança linguística, uma forma variante desapareça e a outra gradativamente tenda a ocupar o lugar da anterior.

Desse modo, compreende-se a mudança linguística como um processo não absoluto, relacionado a uma tendência dos elementos do sistema de seguir trajetórias prototípicas (MARTELOTTA, 2011). Tal posicionamento teórico permite notar que os processos de mudança evidenciam tendências possíveis e/ou prováveis e refletem as regularidades de dada língua. As transformações no sistema linguístico podem ocorrer em todos os tempos e lugares,

visto que existem dados comprobatórios de que um mesmo tipo de transformação pode ocorrer repetidamente.

Dois são os fenômenos específicos da mudança linguística: a gramaticalização e a lexicalização. Ambos os processos, mesmo mantendo características semelhantes no que tange à direção natural da mudança, apresentam-se como distintos e, em certa medida, contrários. No que tange à *gramaticalização*, recorte desta pesquisa, é interessante explicitar que o primeiro uso do termo é atribuído a Antoine Meillet, importante teórico da linguagem, com muitas publicações direcionadas à descrição da língua latina. Para ele, tal procedimento linguístico indicaria “a passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” (*apud* GONÇALVES *et alii*, 2007, p. 19). Em decorrência dessa definição, a perspectiva funcionalista propõe que *gramaticalização*

designa um processo unidirecional¹⁷ segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 24).

A partir dessa definição, pode-se verificar que o termo pode ser entendido em dois sentidos relacionados: a gramaticalização *stricto sensu*, associada à mudança das formas que migram do léxico para a gramática; e a gramaticalização *lato sensu*, que se ocupa das mudanças que ocorrem no interior da própria gramática. Há uma recorrente renovação no sistema linguístico, resultante da criação ou da reinterpretação do falante nos seus mais diversos contextos de interação. Nesse sentido, a gramaticalização pode ser considerada um *paradigma*, quando se observa o surgimento de formas gramaticais e os diversos usos de certo elemento, ou pode ser interpretada como um *processo* se se levar em consideração o *continuum* linguístico e análise de itens que se tornam mais gramaticais.

Ao propor outros princípios reguladores do processo de gramaticalização, Hopper (1991) evidencia a natureza emergente da gramática de uma língua. O teórico propõe um conjunto de cinco parâmetros (estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização), dentre os quais, o da persistência e o da descategorização acentuam mais o caráter gradual da gramaticalização, atribuindo às unidades analisadas o estatuto de “mais” ou “menos” gramaticalizadas: o parâmetro da *persistência* prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas no emprego do elemento gramaticalizado. Não deixa, portanto, de refletir detalhes da história daquele determinado item, pois, mesmo modificando-se, o elemento deixa vestígios de sua significação original; por sua vez, o parâmetro da *descategorização* associa-se à diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados, o que pode ocasionar o aparecimento de formas híbridas. Ao sofrer a gramaticalização, as formas tendem a perder ou neutralizar suas marcas morfossintáticas, passando de categorias plenas (substantivos e verbos) para categorias secundárias (adjetivos, participios e advérbios). É importante salientar que, segundo Hopper (1991), não há necessidade de todos esses parâmetros estarem presentes para haver gramaticalização. Além disso, como não há nenhuma indicação de obrigatoriedade de uma forma se gramaticalizar, o processo de gramaticalização pode interromper-se em determinado estágio, e não chegar, portanto, a um ponto terminal, como já fora mencionado anteriormente.

¹⁷ O princípio da unidirecionalidade, atualmente, é bastante discutido nos estudos de gramaticalização, de acordo com a Linguística Funcional.

4. Padrões funcionais do participio presente nas comédias de Plauto: metodologia e análise

Diferentemente de outros autores latinos, Plauto não deixou muitas informações autobiográficas em suas obras. Não é possível sequer precisar o nome latino do autor devido às diversas possibilidades de nomes registradas em suas próprias comédias¹⁸. A designação mais ou menos consensual é a de *Titus Maccius Plautus*, proposta por Friedrich Ritschl, em 1842.

O comediógrafo parece ter nascido em Sársina, uma pequena cidade da costa do Adriático, na Úmbria, região central da Itália. A partir de uma indicação dada por Cícero, no *Brutus*, os manuais de literatura latina apontam que Plauto teria morrido no ano de 184 a. C. e, com base em outra marcação de Cícero, no *De Senectute*, indicam o nascimento do poeta entre os anos 255 e 250 a. C. (Cf. CONTE, 1994).

Foram atribuídas a ele mais de 130 comédias, devido ao seu grande sucesso. Contudo, o gramático Varrão estabeleceu com bastante rigor um *corpus* com 21 comédias seguramente plautinas: *Amphitruo* (Anfitrião), *Asinaria* (A comédia dos burros), *Aulularia* (A comédia da marmitta), *Bacchides* (As Báquides), *Captiui* (Os prisioneiros), *Casina* (Cásina), *Cistellaria* (A comédia da cestinha), *Curculio* (O gorgulho), *Epidicus* (Epídico), *Menaechmi* (Os dois menecmos), *Mercator* (O mercador), *Miles Gloriosus* (O soldado fanfarrão), *Mostellaria* (A comédia do fantasma), *Persa* (O persa), *Poenulus* (O cartaginês), *Pseudolus* (O psêdolo), *Rudens* (A corda), *Stichus* (Estico), *Trinummus* (As três moedas), *Truculentus* (O truculento) e *Vidularia* (A comédia da maleta) (Cf. POCIÑA, 2011, p. 31).

A cronologia das peças é motivo ainda de bastante discussão filológica. Como não é possível estabelecer com clareza a data específica de produção ou de representação de todas, defende-se a separação em três grupos, proposta por Paratore (1962): (a) comédias da fase inicial (até 200 a. C.): *Mercator*, *Asinaria*, *Miles Gloriosus*, *Cistellaria*, *Stichus*; (b) da fase de maturidade (da primeira década do século II a. C.): *Amphitruo*, *Menaechmi*, *Curculio*, *Rudens*, *Aulularia*, *Persa*, *Poenulus*, *Mostellaria*, *Epidicus*; e (c) dos últimos anos de vida do poeta (191-184 a. C.): *Pseudolus*, *Bacchides*, *Trinummus*, *Captiui*, *Truculentus*, *Casina*.¹⁹

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa predominantemente qualitativa, cuja relevância está no aprofundamento da análise dos dados e na descrição dos usos, sem a finalidade propor generalizações e sim mapear as variações de uso decorrentes dos mais diversos fins comunicativos. Dados estatísticos são utilizados apenas quando puderem sugerir traços estilísticos do autor.

Foram selecionadas para esta pesquisa as 21 comédias de Plauto. A comédia *Vidularia*, embora tenha tido seus exemplos participais coletados, não pôde compor o *corpus* de análise, pois, em função das muitas lacunas textuais, não é possível recuperar informações contextuais. A amostra recortada para o referido estudo compõe, assim, um conjunto de textos de ordem sincrônica, representativo de um mesmo intervalo temporal – o que não pressupõe uma uniformização de data para a elaboração dessas comédias.

Os exemplos analisados estão acompanhados de um contexto mínimo para que o leitor deste texto possa compreender a interpretação dos dados. São apresentados um contexto particular, pautado em versos que antecedem e sucedem o registro da forma participial e um contexto mais global que explicita as informações relevantes do trecho (cena ou ato), auxiliadoras na compreensão do uso.

¹⁸ Aparece o nome *Plautus* em *Casina*, v.34 e 65; *Menaechmi*, v. 3; *Poenulus*, v. 54; *Trinummus*, v. 8 e 19; e *Truculentus*, v.1. O nome *Maccus* está registrado em *Asinaria*, v. 11. E o nome *Macci Titi*, em genitivo, aparece em *Mercator*, v. 10. (Cf. POCIÑA, 2011, p. 29)

¹⁹ A comédia *Vidularia* não pode ser datada e nem incluída na separação de Paratore, devido às muitas lacunas textuais existentes nos manuscritos da peça.

Com a utilização da ferramenta *localizador* (Ctrl + f), foram identificadas as formas do particípio presente no site <www.thelatinlibrary.com/plautus.html>. Inicialmente, escolheu-se uma comédia como âncora e dela todos os particípios foram coletados. Em seguida, a partir dos exemplos da primeira, com a ferramenta, buscou-se, nas demais, exemplos de mesmas bases verbais. Quando todos os exemplos participiais da primeira eram encontrados nas demais, o processo se reiniciava com uma segunda comédia-âncora. Assim, a coleta se desenvolveu progressivamente até que todas fossem observadas. Na ferramenta *localizador*, eram digitados segmentos do particípio – tema e parte do sufixo formador (ex.: do verbo *amare*, digitou-se *aman -*), de modo a se conseguir exemplos nos mais diferentes casos latinos. Depois de coletados todos os exemplos, os trechos textuais selecionados foram comparados à edição crítica proposta pela *Les Belles Lettres*, para que, então, se obtivesse um texto mais confiável.

Não foram levados em consideração os argumentos que antecedem as comédias plautinas, os quais, construídos em forma de acrósticos, seriam acréscimos posteriores (Cf. COUTO, 2006, p. 10). Não foram observados também os adjetivos que, mesmo tendo a forma equivalente à de um particípio presente, não são originalmente particípios ou não tiveram seus possíveis verbos originários encontrados no texto (ex.: *frequens* “frequente” e *prudens* “prudente”²⁰). Desprezaram-se ainda substantivos, como *adulescentia*, *-ae* “adolescência”, por trazerem outro problema para a pesquisa: não se pode afirmar que a forma seja um nominativo neutro plural cristalizado e nem que seja um substantivo de base participial com o acréscimo do sufixo formador de nomes abstratos *-ia*.

Em virtude do grande número de exemplos coletados nesta pesquisa (783 formas participiais), escolheram-se as três comédias que compõem o primeiro volume da edição da *Les Belles Lettres* (*Amphitruo*, *Asinaria* e *Aulularia*) para servirem de base na análise dos dados, visto que outros dados podem ser contrastados a partir desses. Isso não significa que as demais comédias serão desconsideradas. Trata-se apenas de uma tentativa de aprofundar questões contextuais que envolvem os referidos exemplos, algo não exequível em todo o *corpus* plautino, para este propósito.

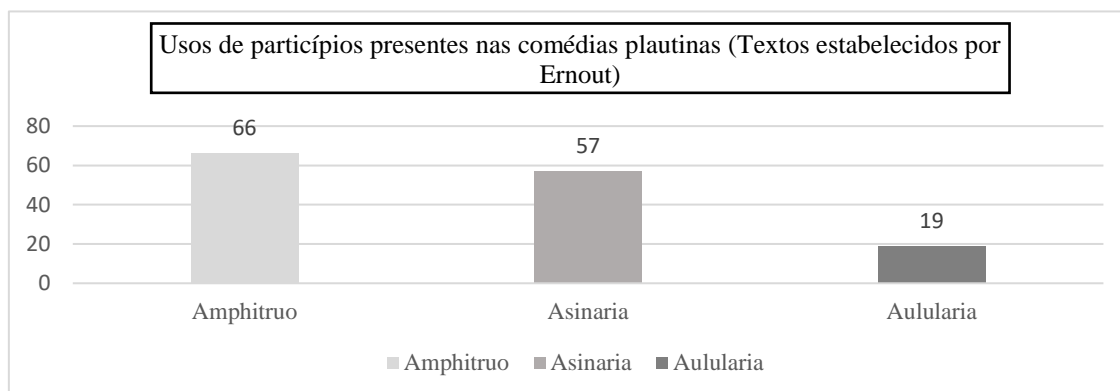


Gráfico 1 – Usos de pp em comédias de Plauto

Prototicamente, o pp deveria manter sua natureza híbrida, preservando traços tanto do verbo (voz, tempo, aspecto, valência) quanto do adjetivo (caso, número, gênero, grau, regência). Se não há um pleno equilíbrio entre as duas faces da forma, já pode ser um indício de novos usos linguísticos e de novas interpretações de tal fenômeno. Nesse sentido, pensando em uma escala de gradualidade entre dois polos categoriais (verbo e adjetivo), são identificados quatro padrões funcionais distintos para particípio: com função verbal; exercendo a sua própria

²⁰ O adjetivo *prudens* é a forma sincopada do adjetivo *prouidens*, advindo do verbo *prouideo*. Por não haver um verbo próprio para *prudens*, a forma não foi levada em consideração.

função (híbrida); com função adjetival; com função circunstancial. É importante dizer que, no levantamento dos dados, mesmo notando padrões funcionais distintos, representantes de polos categoriais, foram constatados exemplos mais fluidos, colocados, apenas por uma questão de organização, em um dos padrões determinados. Os exemplos são apresentados por ordem de maior similaridade com o padrão funcional. Esse fato é bastante relevante para esta pesquisa, pois que corrobora a afirmação de que as categorias não apresentam fronteiras bem delimitadas.

4.1. Padrão funcional 1: os pp com função verbal

Nesta primeira divisão da análise dos dados, exploram-se os exemplos de participípios presentes que mais se aproximam de sua origem verbal. Esses participípios mantêm, de modo bastante evidente, características próprias dos verbos, como, por exemplo, a noção aspectual de ação em desenvolvimento e a estrutura de valência, que corresponde ao conjunto de posições estruturais que irradiam do predicador.

Na comédia, *Amphitruo* (Anfitrião), ao sentir-se tomado de amor por Alcmena, o deus Júpiter, por meio de uma transformação divina, assume as aparências do marido dela, o general Anfitrião, o qual, longe de casa, comanda as legiões tebanas contra os povos inimigos. Júpiter é auxiliado por seu filho, Mercúrio, que se transforma no escravo de Anfitrião (Sósia), para não deixar que ninguém atrapalhe as aventuras do pai. Na cena, após Sósia lamentar o desaparecimento daqueles que gostam dos prazeres sexuais para que pudessem juntos aproveitar a noite demorada, Mercúrio, profere a seguinte frase:

(1) *Meus pater nunc pro huius uerbis recte et sapienter facit,/Qui complexus cum Alcmena cubat amans, animo opsequens* (Plaut., *Amp.*, v. 289-290)²¹

Nesses versos, o participípio *opsequens* explicita, como um aposto – visto que o participípio está em nominativo singular, concordando com o sujeito *Meus pater* –, o motivo para a realização do ato praticado, fato que justificaria toda invenção criada. De acordo com as histórias mitológicas, Júpiter é o deus que, por natureza, possui um apetite sexual incontrolável. Logo, manter relações amorosas com Alcmena significa responder positivamente aos seus instintos e hábitos. O participípio, nesse caso, não introduz uma qualidade da divindade, mas revela, por meio da ação por ele expressa, uma concomitância de ações: uma no plano físico – ele se deita com a amada –, outra no plano psicológico – ele atende aos seus desejos, em conformidade com os seus hábitos. Corrobora a interpretação do valor verbal do referido participípio, o fato de ele projetar um complemento em dativo singular, *animo*.

Tal construção, do ponto de vista funcionalista, é considerada marcada por apresentar tanto complexidade estrutural e cognitiva quanto menos distribuição de frequência. Nesse caso, o participípio não acompanha linearmente, em posposição ou anteposição, o seu elemento nuclear e está, inclusive, em um verso posterior. Mesmo que haja uma alta integração entre o participípio e seu complemento, não é possível fazer tal afirmação em relação ao seu termo subordinante (o substantivo). Na realidade, toda a estrutura oracional é bastante complexa, pois os termos que se relacionam diretamente com o nominativo sujeito estão colocados cada um em uma posição distinta no verso (*pater... facit// complexus...amans...opsequens*). Deve-se ressaltar que, no verso latino, as posições inicial e final atribuem realce às palavras ali colocadas, por isso não é em vão que os elementos estejam ordenados dessa maneira. Para o espectador/leitor,

²¹ Trad.: Agora meu pai age de modo correto e sábio, conforme às palavras deste homem (Sósia), // visto que, apaixonado, deita-se abraçado com Alcmena, submetendo-se à sua própria vontade.

cognitivamente, o período é implexo, pois, a todo instante, no eixo linear da construção frasal, são acrescentadas informações ao mesmo referente, e o elo entre tais termos, a partir de uma relação de concordância, é a desinência casual. Complica ainda mais, o fato de serem utilizados dois participípios presentes, no segundo verso, representantes de padrões funcionais distintos: já que a forma *amans* expressa uma qualidade própria do sujeito. Tais características do referido tipo de construção levam ao baixo nível de frequência de uso, sendo pouquíssimas vezes encontrados em Plauto construtos semelhantes²². Aliás, de acordo com Palmer (1955), o participípio presente, no latim arcaico, possuía predominantemente valor atributivo.

No texto plautino, é comum encontrar o emprego do pp subordinado a verbos de percepção, como *audire* (“ouvir”) e *uidere* (“ver”). Essa construção oracional concorre, em Latim, com o acusativo sujeito do infinitivo. De acordo com Bassols de Climent (1967), a diferença entre as duas orações completivas estaria no fato de que a primeira (acusativo + participípio) expressaria uma determinação meramente acessória, ao passo que a segunda (acusativo + infinitivo) enfatizaria a ação veiculada pelo infinitivo. Se, pelo prisma da gramática, tal afirmação se mostra coerente por funcionar o infinitivo como um elemento nuclear e o participípio como um elemento modificador, pela perspectiva discursiva, o referido pensamento mostra-se inadequado. Observe o exemplo retirado da comédia *Aulularia* (A comédia da marmita):

(2) *Ne quis miretur qui sim, paucis eloquar./ ego Lar sum familiaris ex hac família/ unde exeuntem me aspexistis. (...)* (Plaut., *Aul.*, v. 1-3)²³

Na peça *Aulularia*, Euclião, um velho avaro, esconde uma marmita cheia de ouro em casa, enquanto finge ser pobre. Megadoro é um rico senhor que deseja se casar com a filha de Euclião, a Estáfila. Euclião desconfia que o pretendente saiba da sua fortuna, porém acaba consentindo esse casamento. Concomitantemente, Estáfila descobre estar grávida de Licônides, sobrinho de Megadoro. Essa comédia é bastante reconhecida pela presença de muitos traços da cultura romana, dentre eles, as divindades, como o deus Lar, que proferiu, no prólogo, os versos acima.

Não se pode dizer que o participípio presente *exeuntem* (“que sai”, “saindo”) explicita uma informação acessória no contexto da peça, pois ele indica uma movimentação da personagem. Não se trata da exposição de uma característica da personagem, mas sim de uma indicação relevante de como a personagem deve ser vista ao entrar em cena (saindo da casa da família de Euclião). O participípio, do ponto de vista sintático, liga-se imediatamente ao sujeito com o qual concorda em acusativo e mediatamente ao verbo da oração principal (*aspexistis* “vistes”). Nesse caso, o predicador projeta três argumentos: um marcado pela desinência verbal (sujeito), um acusativo de pessoa ou coisa (objeto da ação, afetado) e um complemento indicador da ação (que expressa um conteúdo nocional e evidencia a agentividade do acusativo-sujeito). Na escala gradual das categorias linguísticas, o pp, na construção (2), ainda está bastante vinculado à classe dos verbos, pois não possui valor explícito de modificador.²⁴

²² Cf. PLAUTO, *Bacchides*, v. 109-110: *Iam dudum, Pistoclere, tacitus te sequor // <Ex>spectans quas tu res hoc ornatu geras*. Trad.: Já desde muito tempo, Pistóclero, eu, calado, te sigo, (apenas) observando as coisas que tu conservas com este cuidado. Neste exemplo, temos um caso parecido, contudo o participípio é complementado por um acusativo, construção bastante rara em Plauto.

²³ Trad.: Para que ninguém se admire, direi em poucas palavras, quem eu sou. // Eu sou o deus Lar que mora na casa desta família, de onde me vistes saindo.

²⁴ Cf.: PLAUTO, *Bacchides*, v. 978: *sed Priamum adstantem eccum ante portam uideo*. Trad.: “Mas eis que vejo Príamo levantando-se perante a porta”; *Amphitruo*, v. 1098-1099: *uxorem tuam // neque gementem neque plorantem nostrum quisquam audivimus*; Trad.: “Escutamos tua esposa que não só chorava mas também

Deve-se notar ainda que os verbos *audio* e *uideo* são muito produtivos no texto plautino como predicadores oracionais, contudo quase não são utilizados como constituintes de orações completivas, isto é, raramente funcionam como complemento oracional de outros predicadores. Em um contexto de encenação teatral, esses verbos indicam posicionamentos cênicos, muitas vezes diferenciando discurso à parte (para o público) do discurso em presença (diálogo das personagens), e funcionam também como sequenciadores de cenas e atos, pois anunciam uma movimentação ou mesmo um som. Apenas o particípio *audiens* foi encontrado no *corpus* plautino e, das oito vezes em que aparece, funciona em cinco – sempre em nominativo – como elemento compositor de conjugação perifrástica²⁵.

4.2. Padrão funcional 2: o pp com função própria (híbrida)

Ao mesmo tempo em que se assemelha bastante à construção anterior, a próxima oração completiva de natureza participial também preserva traços singulares, como o papel de modificador:

(3) (...) *Redde operam mihi./ cur hoc ego ex te quaeram? aut cur miniter tibi/ propterea quod me non scientem feceris?* (Plaut., *Asin.*, v. 45-47)²⁶

Na comédia *Asinaria* de Plauto, o jovem Argiripo, filho de Demêneto, apaixona-se por uma jovem cortesã, chamada Filênio, a qual, embora também esteja apaixonada por ele, vê-se obrigada pela mãe, a velha Cleéreta, a se prostituir. O pai de Argiripo, então, promete dar o dinheiro ao filho desde que ele também receba os favores da moça. Nesse trecho da peça, especificamente, Demêneto e Líbano, o escravo de Argiripo, conversam sobre a paixão do filho. Os versos acima correspondem exatamente ao momento anterior à revelação, por parte de Demêneto, de que ele já sabe das aventuras do filho e finge ameaçar Líbano por não ter contado.

Nota-se que, em tal construto oracional há também um acusativo sujeito do particípio, completando sintática e semanticamente o verbo predicador *facere* (“fazer”, “tornar”). Enquanto o particípio conserva traços do verbo, como a constância da ação, evidenciada pelo seu aspecto imperfectivo, adquire também características do adjetivo, pois qualifica o sujeito em acusativo, atribui uma qualidade a ele (*sciens* “aquele que sabe”, “conhecedor”). Esses verbos são chamados por Rocha Lima (2008) de transobjetivos porque transcendem o limite do objeto direto, exigindo um novo predicador que também selecione o mesmo argumento do verbo principal.

Em Plauto, é bastante recorrente a construção de acusativo com particípio, como complemento do verbo *facere*, utilizado com significado causativo. Nesse caso, o particípio está bem próximo do seu valor originário, pois, prototipicamente, mantém de modo proporcional traços do verbo e do adjetivo. Na medida em que são observados progressivamente os exemplos (2) e (1), o particípio começa a se distanciar de sua função prototípica e se aproxima das funções próprias da categoria verbal. De acordo com Kleiber (1990), o grau de representatividade de um elemento exemplar corresponde ao seu grau de

lamentava”; *Mostellaria*, v. 934: *neque tibicinam cantantem neque alium quemquam audio*. Trad.: “Não escuto nem a tocadora de flauta cantando, nem nenhum outro som.”

²⁵ Cf. PLAUTO, *Amphitruo*, v. 989, 991; *Persa*, v. 398; *Trinummus*, v. 1062; *Truculentus*, v. 125. Na conjugação perifrástica, outro fator que ratifica o valor verbal do pp são os complementos exigidos em dativo pela forma *audiens*, por exemplo, nos versos mencionados da comédia *Amphitruo*: *dicto* e *imperio*, respectivamente.

²⁶ Trad.: Presta atenção em mim. Por que razão eu procuraria saber isto a partir de ti? Ou por que razão ameaçaria a ti por não me teres tornado conhecedor (do assunto)?

vinculação a uma determinada categoria. Nesse sentido, pode-se observar que, no exemplo (3), o pp é bastante representativo de sua categoria de índole dúplice, tal como já o descreveram os gramáticos antigos Varrão e Donato.²⁷

4.3. Padrão funcional 3: o pp com função adjetiva

Na comédia *Asinaria*, Artémone é um bom exemplo de *mater familias* (mãe de família) e esposa com rico dote, prepotente e disposta a impor-se perante o seu marido, Deméneto. Ao descobrir a armação do velho para com o filho, Argiripo, a matrona profere as seguintes palavras:

(4) *At scelestas ego praeter alios meum uirum frugi rata, / Siccum, frugi, continentem, amantem uxoris maxime!* (Plaut., *Asin.*, v. 856-857)²⁸

Note-se que os dois participios encontrados no exemplo acima desempenham uma função adjetiva ao modificar o termo nuclear do sintagma (*meum uirum* “meu homem”, “meu marido”). Nesse caso, ambos fazem parte de uma enumeração de qualidades, esperadas por Artémone, pronunciadas após a decepção em relação à fidelidade conjugal. De modo assindético, os adjetivos são colocados para enfatizar a decepção da matrona, reforçando, assim, o seu epíteto, dado por ela mesma (*scelestas* “desgraçada”). Por fazerem parte desta sequência descritiva, os participios *continentem* (“que se reprime”, “moderado”) e *amantem* (“amante”) somente podem ser interpretados como adjetivos.

Em relação ao pp *amantem*, pode-se perceber uma construção sintagmática muito própria de adjetivos. É comum que alguns participios sejam acompanhados por genitivos que lhes integrem os sentidos. Conforme Ernout & Thomas (1953), quando um genitivo integra o sentido de um participio, atribui-lhe uma qualidade permanente, como bem se pode notar no exemplo acima. Consoante o ponto de vista de Artémone, a decepção ocorre justamente por ela acreditar que tais qualidades apresentadas eram permanentes. Nesse sentido, o uso do genitivo de relação reforça a ideia desenvolvida no texto. Deve-se, portanto, salientar que tais participios parecem carecer do vínculo associativo (perdem, por exemplo, a regência) – com a exceção do morfológico-lexical – com os respectivos verbos originários. Caminham, portanto, na escala das categorias linguísticas para o polo da classe adjetiva, afastando-se do participio prototípico.

Ainda na *Asinaria* é possível encontrar outro exemplo de participio com função adjetiva, quando os escravos Líbano e Leônidas começam a debochar do jovem Argiripo, por terem conseguido o dinheiro necessário. Nesse momento, o escravo Leônidas já havia brincado com o seu amo Argiripo e com Filênio, pedindo-lhe que ela o chamasse, por exemplo, de “meu passarinho” (*passerculum*), “meu bezerrinho” (*uitellum*), e que “juntasse os labozinhos dela aos dele” (*compara labella cum labellis*). Então, Licônias, após pegar a sacola com o dinheiro, continua a brincadeira:

(5) *Dic igitur me[d] anitculam, columbulam, catellum, / Hirundinem, monerulam, passerculum, putillum: / Fac proserpentem bestiam me, duplicem*

²⁷ Cf.: PLAUTO, *Amphitruo*, v. 1030: *Quem pol ego hodie ob istaec dicta faciam feruentem flagris*. Trad.: “Por Hércules, eu hoje farei com que tu fiques fervendo com o açoite por causa dessas palavras.

²⁸ Trad.: Mas que desgraçada eu sou por acreditar que o meu marido, ao contrário dos outros, era um homem honrado, sóbrio, sensato, moderado, o maior amante da sua esposa.

ut habeam linguam,/ Circumda torquem e bracchiis, meum collum circumplecte. (Plaut., *Asin.*, v. 693-696)²⁹

Diferentemente do que acontece no exemplo (3), em que, no nível do período, o particípio presente faz parte da estrutura completiva do predicador cuja natureza é causativa, em (5), a forma *proserpentem* (“rastejante”), em nível oracional, integra o sintagma predicativo, sem nenhuma relação imediata com o predicador da oração principal. O particípio, no exemplo, é apenas um modificador do termo nuclear *bestiam* (“animal”).

No *corpus* plautino, o sintagma se repete apenas quatro vezes, mas sempre com a mesma estrutura³⁰. Mudam-se apenas os casos, já que, no exemplo (5), o sintagma está em acusativo e, nos demais exemplos do *corpus*, está em nominativo. A recorrência da estrutura sintagmática pode evidenciar uma possível cristalização da construção, principalmente, quando interpretada de acordo com o contexto. Nas comédias *Asinaria*, *Persa* e *Poenulus*, a construção está associada à descrição de um animal de língua dúplice, como a cobra (ou serpente), contudo não se pode afirmar que Plauto queira apenas nomear o animal com o referido construto, já que utiliza para isso outros termos, como *anguis* (“cobra”) (cf. *Amphitruo*, v. 1110) e *excetra* (“serpente”, “víbora”) (cf. *Persa*, v. 3).

De acordo com os pressupostos funcionalistas, tal composição é bastante icônica, evidenciando a estreita ligação existente entre os planos da expressão e do conteúdo. Não se pretende apenas nomear o animal, mas sim transpor características do animal para a personagem de modo que o escravo se beneficie da jovem. E essa transposição é decorrente de uma criação imagética pautada no código linguístico. A referida construção, nesse sentido, está de acordo com os três subprincípios de iconicidade, tal como propostos por Givón (1984). Em primeiro lugar, o sintagma é mais icônico por apresentar maior quantidade de informação e proporcional suporte de veiculação: a composição *proserpentem bestiam* propõe informações que a palavra *anguis*, por exemplo, não é capaz de abarcar. Em segundo lugar, possui alto nível de iconicidade por apresentar, tanto no plano cognitivo, quanto no plano linguístico, maior integração do conteúdo. Inclusive, deve-se ressaltar que mesmo com toda a mobilidade imanente ao padrão oracional latino e com toda a liberdade criativa concedida aos poetas para que possam deslocar suas palavras conforme os esquemas métricos próprios da poesia latina, o termo modificador e o termo modificado estão unidos em todos os exemplos. Em terceiro lugar, a construção é mais icônica por possuir uma ordem mais fixa no sintagma: o termo modificador – o particípio presente –, nos quatro exemplos encontrados, antecede o elemento modificado, de modo a destacar a informação mais tópica, encontrada, portanto, no particípio.

A regularidade da construção possibilita que o particípio presente, termo marginal do ponto de vista sintático, assimile traços semânticos do elemento nuclear, e assim esvazie sua significação de modo que o mesmo desapareça. Na verdade, nesse sintagma, o substantivo já possui uma carga semântica bastante genérica, somente entendida pela especificação do particípio. Assim, o particípio passa por um processo de substantivação, designando, por conseguinte, o animal pelo viés metonímico. A mudança ocorre por meio da extensão de significados estabelecidos por uma relação de contiguidade e inferência.³¹

²⁹ Trad.: Diz, então, que eu sou o teu patinho, o teu pombinho, o teu cachorrinho, // a tua andorinha, a tua gralhinha, o teu pequeno pardalzinho: transforma-me em um animal rastejante, para que eu tenha uma língua dividida em duas, // rodeia-me com um colar feito de braços, abraça o meu pescoço.

³⁰ Cf. *Persa*, v. 299: *proserpens bestia*; *Poenulus*, v. 1034: *proserpens bestia*; *Stichus*, v. 724: *proserpens bestia*.

³¹ Em Virgílio, no século I a. C., já é possível encontrar o termo *serpens*, isolado no sintagma, nomeando o animal. *Bucólicas*, IV, v. 24: *Occidet et serpens*. Trad.: “E morrerá a serpente.” Aliás, é uma característica própria do pp a substantivação a partir de seu valor adjetivo (Cf. PLAUTO, *Asinaria*, v. 57 e v. 175 – *amans*, por exemplo)

Interpretado como um adjetivo, pode ainda ser o particípio a base para formação de advérbios. Pensando na escala das categorias linguísticas, o particípio já bem afastado das suas características prototípicas, passa a funcionar como adjetivo, e depois disso, afastando-se ainda mais da sua natureza original, transforma-se em advérbio, classe mais gramatical. Na *Aulularia* de Plauto, após Euclião consentir o casamento entre Alcmena e Megadoro, este anuncia:

(6) *Narraui amicis multis consilium meum/ De condicione hac: Euclionis filiam/ Laudant; sapienter factum et consilio bono.* (Plaut., *Aul.*, v. 475-477)³²

O particípio, tomado adverbialmente devido ao acréscimo do sufixo *-ter*, passa a expressar uma circunstância ou a um dos constituintes oracionais ou a todo construto oracional. No exemplo (6), mesmo não estando evidente o verbo da oração, é possível perceber que o advérbio *sapienter* (“sabidamente”) diz respeito ao modo como a decisão de casar-se foi tomada. Parte de um discurso generalizado, ancorado nos *multis amicis* (“muitos amigos”). Sabe-se que esse particípio era interpretado como adjetivo antes formar o advérbio, por meio das exigências gramaticais associadas ao sufixo *-ter*. De acordo com Faria (1995), os advérbios de modo, formados pelo referido sufixo, são normalmente derivados de adjetivos de segunda classe. Logo, a base para a formação do advérbio é adjetiva e não participial. Nesse sentido, a base morfológica do particípio (como adjetivo) só pode receber o sufixo devido à analogia com os demais adjetivos que seguem a terceira declinação: a partir de *frequens, -entis* (“frequente”), cria-se o advérbio *frequenter* (“frequentemente”), e assim analogicamente, de *sapiens, -entis* (“sábio”), entendido como adjetivo, forma-se *sapienter* (“sabidamente”).

4.4 Padrão funcional 4: o pp com função circunstancial

Desviando-se um pouco do *cline* do pp, cujos polos são os verbos e os adjetivos, pode ainda a forma adquirir novos valores e funções em construções bastante específicas. Passa a exprimir algumas noções circunstanciais, podendo vir acompanhado por partículas. De acordo com Faria (1995), o pp pode expressar uma circunstância de causa, tempo, condição ou concessão. Observe o exemplo:

(7) *Nunc tu diuine / huc fac adsis Sosia./ Audis quae dico, tametsi praesens non ades.* (Plaut., *Amp.*, v. 976-977)³³

Nesse trecho da peça *Amphitruo*, Júpiter, sabendo do retorno do Anfitrião, pede para que Mercúrio vá para a frente da casa e não o deixe adentrar no recinto.

É com base na autoridade de Júpiter e na descendência divina que a concessão se estabelece no texto. Porque mesmo não estando presente, Júpiter tem certeza de que Mercúrio irá ouvi-lo, não só por ser um deus, mas também por temer o poder de Júpiter. A oração concessiva é composta pela partícula *tametsi* (“conquanto”), pelo pp *praesens* (“presente”), pela negação *non* (não) e pela forma verbal *ades* (“estar perto”). A colocação do particípio já possibilitaria a expressão da noção concessiva, contudo a partícula, ao ser empregada, reforça a ideia e impede que haja qualquer tipo de ambiguidade textual.

No texto plautino, é bastante frequente o uso da construção conhecida tradicionalmente como ablativo absoluto. Trata-se de uma oração reduzida de particípio que exprime uma noção

³² Trad.: “Contei a muitos amigos a minha resolução // a respeito deste casamento: eles louvam // a filha de Euclião; e (dizem) que decisão foi tomada sabidamente, com bom senso.”

³³ Trad.: “Agora tu, divino Sósia, põe-te a vir para cá. // Escutas o que eu digo, mesmo não estando presente.”

circunstancial. Formalmente, tal construção é composta por um sujeito em ablativo e por um particípio também em ablativo. Concorde-se com Rubio (1989), quando questiona a aplicabilidade do nome do construto, pois o termo *ablativo absoluto* tem respaldo no nível da sintaxe, mas falha em relação aos domínios semântico e discursivo:

(8) *Nescio quid istuc negoti dicam, nisi si quispiamst/ Amphitruo alius, qui forte te hic **absente** tamen/ Tuam rem curet teque **absente** hic munus fungatur tuum.* (Plaut., *Amp.*, v. 825-827)³⁴

Do ponto de vista sintático, a composição *te absente* é independente, pois possui sujeito e forma participial. Não exerce, portanto, nenhuma função sintática, como constituinte, na oração principal. Como um advérbio, introduz uma circunstância, no caso de tempo, no período. Do ponto de vista discursivo, contudo, torna-se essencial, pois a informação de que alguém toma conta das coisas de outrem, somente é completada quando se sabe que isso acontece no período de ausência do proprietário.

Nesse trecho da peça *Amphitruo*, o Anfitrião retorna para casa e começa a ser indagado por Sósia e por Alcmena, sobre a sua verdadeira identidade. Sósia chega a levantar a hipótese de existirem dois de si: cada um estando presente quando o outro não está. Com base nessas informações, as orações reduzidas de particípio tornam-se mais relevantes, pois elas auxiliam na construção da oposição presença x ausência, vinculada à existência de dois personagens que, no nível do desenvolvimento da trama, possuem a mesma identidade.

A oração reduzida de particípio pode ser interpretada como uma construção hipotática, visto que pode ser caracterizada pela interdependência sintático-semântica: nem é totalmente independente como as construções paratáticas e nem é totalmente dependente como são construtos subordinados, introduzidos por conjunção integrante.

É bastante recorrente em Plauto a composição do ablativo absoluto formada por pronome pessoal e pp, como em (8). Sabendo que o ablativo singular pode apresentar duas formas, tradicionalmente, associadas ao adjetivo e ao substantivo respectivamente, na referida construção latina, é muito frequente que o ablativo do particípio presente seja declinado com *-e*. Contudo, não há uma sistematização no que tange à distinção das terminações do ablativo. Tentou-se observar se há uma diferenciação entre adjetivo e substantivo, e entre gênero masculino, feminino e neutro na concordância do particípio com um substantivo, em virtude das razões históricas anteriormente apresentada, mas não foi possível chegar a nenhuma constatação definitiva. A única afirmação que pode ser feita é que, na construção do ablativo absoluto, quando a estruturação se pauta em um pronome pessoal e um particípio presente normalmente derivado dos compostos do verbo *sum* (*absens* “ausente”, *praesens* “presente”), é comum que o particípio termine em *-e*.

Considerações finais

O estudo exposto explicitou usos do pp no latim arcaico, e mais especificamente, nas comédias de Plauto, propondo que o particípio deva ser interpretado como uma categoria autônoma, consoante a percepção dos gramáticos latinos, e que há empregos mais prototípicos da categoria híbrida e outros menos modelares, de natureza mais fluida, muito aproximados de outros polos categoriais como a classe dos verbos e a dos adjetivos.

³⁴ Trad.: “Ignoro o que dizer sobre esse assunto, a não ser que haja outro Anfitrião, // que, todavia, por acaso, enquanto tu estejas ausente, cuide das tuas coisas aqui, e que, enquanto tu estejas ausente, cumpra as tuas funções.”
VEREDAS ONLINE – TEMÁTICA – 1/2019 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA – ISSN: 1982-2243

É importante ressaltar que foram encontrados no *corpus* plautino 783 exemplos de pp, provenientes de 91 verbos distintos. A conjugação mais produtiva é a primeira, com 42 verbos, seguida pela segunda, com 22 verbos. A terceira conjugação possui 16 verbos, a conjugação mista apresenta apenas 3 e a quarta conjugação detém 8 dos verbos coletados. Foram identificados também 6 participípios derivados de verbos atemáticos, sendo 2 deles compostos do verbo *esse* e 4 compostos do verbo *ire*.

A partir da análise dos dados, verificou-se que os pp no texto plautino possuem quatro padrões funcionais: verbal; função própria (híbrida); adjetival; e circunstancial. Tais padrões parecem demonstrar uma tendência inicial de mudança: o participípio como categoria plena > adjetivo. Por entender que os participípios derivam morfologicamente dos verbos, intentou-se também demonstrar funcionalmente tal relação, o que resultaria em um processo: verbo > pp > adjetivo. A função circunstancial atribuída também ao pp está vinculada ao uso de partículas (orações reduzidas), ao uso de sufixos (advérbios) e ao uso de construções específicas (ablativo absoluto).

Espera-se que a pesquisa em tela impulse novos estudos acerca do funcionamento da forma participial em textos latinos, uma vez que algumas variáveis como ordenação dos constituintes, tipo de valência dos participípios, correspondência temporal, não foram abalizadas com a devida atenção. Mesmo assim, tal pesquisa se configura como uma tentativa, sob o lume da linguística moderna, de atualizar as descrições da língua latina - grande lacuna no que tange às línguas clássicas, de modo geral.

Functional patterns of the present participle in the plautine comedies

ABSTRACT: In this research, we attempt to describe the diversified uses of the Latin verb-nominal form called present participle (pp) in the texts of the comic poet Plautus (c. III and II BC), based on the theoretical assumptions of Functional Linguistics, mainly found in Givón (1984), Hopper (1991), Hopper & Traugott (1993) and Bybee (2010). The participle examples, collected in the 21 comedies that build the Plautine corpus and interpreted mainly in a qualitative way, were grouped into four functional patterns: a) pp with verbal function; b) pp with its own function (hybrid); c) pp with adjectival function; and, d) pp with circumstantial function. The results show scalar levels of pp usage, given the non-discrete nature of the linguistic categories.

Keywords: Present participle; Plautus; Old latin; Grammaticalization; Functional linguistics.

Referências

BASSOLS DE CLIMENT, M. *Sintaxis latina*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1967, 2 v.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

CASTILHO, A. T. de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. de. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17-42.

CONTE, G. B. *Latin Literature - A History*. Translated by Joseph B. Solodow. Revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1994.

CORADINI, H. *Metalinguagem na obra De Lingua Latina de Marcos Terêncio Varrão*. 1999. 554 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

COUTO, A. P. Introdução geral. In: PLAUTO. *Comédias*. v. 1. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca *et alii*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2006, p. 07-33.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da. (Orgs.) *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003, p. 29-55.

DEZOTTI, L. C. *Arte maior e Arte menor de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório*. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

DONATO. *Ars Donati Grammatici Urbis Romae*. In: HOLTZ, L. Donat et la tradition de l'enseignement grammatical. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1981.

ERNOUT, A; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 2002.

ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck, 1953.

FARIA, E. *Gramática da língua latina*. 2ed. Brasília: FAE, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. I. New York: Academic Press, 1984.

GONÇALVES, S. C. L. *et alii*. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 15-66.

GUERREIRA, A. R. Los escritos gramaticales (y la erudición) en el siglo IV. In: CODOÑER, Carmen. *Historia de la literatura latina*. 3 ed. Espanha: Cátedra, 2011, p. 783-793.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. (Orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991. 2 v.

KLEIBER, G. *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*, Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

MAROUZEAU, J. *L'emploi du participe présent latin a l'époque républicaine*. Paris: H. Champion, 1910.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____.; VOTRE, S. J., CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

MONTEIL, P. *Elementos de fonética y morfología del latín*. Trad.: Concepción Fernández Martínez. Sevilla, 2003.

PARATORE, E. *História da literatura latina*. Trad.: Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PINKSTER, H. *Sintaxis y semântica del latín*. Trad.: Esperanza Torrego. Madrid: EDICLÁS, 1995.

PLAUTO. *Amphitruo, Asinaria, Aulularia*. 3 ed. v. I. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

_____. *Bacchides, Captivi, Casina*. v. I. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1933.

_____. *Cistellaria, Curculio, Epidicus*. v. III. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1935.

_____. *Menaechmi, Mercator, Miles Gloriosus*. 3 ed. v. IV Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

_____. *Mostellaria, Persa, Poenulus*. v. V. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1938.

_____. *Pseudolus, Rudens, Stichus*. v. VI. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1938.

_____. *Trinummus, Truculentus, Vidularia*. 3 ed. v. VII. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

POCIÑA, A. La comedia latina: definición, clases, nacimiento. In: POCIÑA, A; ESTEFANÍA, D. (Orgs.) *Géneros literarios romanos: aproximación a su estudio*. Madrid: Ediciones Clásicas Madrid, 1996.

PRISCIANO. *Institutiones grammaticae*. In: KEIL, H. (ed.). *Grammatici Latini ex Recensione Henrici Keilii*. Hildesheim: Olms, 1961. QUINTILIANO. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

QUINTILIANO. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 47 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

RUBIO, L. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel, 1989.

SOUZA, Douglas G. de. *O particípio presente nas comédias plautinas: uma abordagem funcional*. 2015. 242 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

TOVAR, A. *Gramática histórica latina: sintaxis*. Madrid: S. AGUIRRE, 1946.

VARRÃO. *De lingua latina quae supersunt*. Edited by Georg Goetz and Friedrich Schoell. Leipzig: Teubner, 1910.

VOTRE, S. J.; OLIVEIRA, M. R. de. A trajetória das concepções de discurso e gramática na perspectiva funcionalista. In: VOTRE, S. J.(Org.) *A construção da gramática*. Niterói: EDUFF, 2012, p. 157-174.

Data de envio: 19 de abril de 2019

Data de aceite: 23 de agosto de 2019